

ISABEL STILWELL INÊS DE CASTRO

GUIÃO
DE LEITURA

ESPIA, AMANTE,
RAINHA DE PORTUGAL

ISABEL STILWELL
INÊS DE CASTRO

Guião de Leitura

Caros leitores

Nada me dá mais prazer do que imaginar que se vão reunir e conversar «Em nome de Inês», e conversar sobre o meu livro. Para vos dizer a verdade, gostava mesmo de aí estar para ouvir as vossas opiniões, responder às vossas questões mas, sobretudo, para debatermos a leitura que fiz dos factos, a forma como se contextualizam no tempo em que aconteceram. No fundo, para analisarmos a minha interpretação daquilo que aconteceu a Inês e a Pedro há mais de 700 anos. Mas como, infelizmente, não é possível, deixo-vos o conjunto de interrogações com que também me fui debatendo, na esperança de que me façam depois chegar o vosso *feedback*, as vossas opiniões e sensibilidades.

A verdade é que aqui não há respostas certas – as vidas de Pedro e de Inês estão cheias de lacunas, e é muito mais o que não sabemos do que aquilo que conhecemos, mas pelo menos temos um ponto de partida de «pedra e cal»: os túmulos de Alcobça, a história que D. Pedro I de Portugal desejou que chegasse até nós. E contam-nos tanto!

Daí podemos partir para outras fontes, para o cruzamento da informação que existe sobre os outros protagonistas – a rainha D. Isabel e D. Dinis, D. Afonso IV e D. Beatriz, os reis de Castela e as suas amantes –, e também acerca de acontecimentos muito bem documentados, como a peste negra, as cruzadas e batalhas, os tratados e os pactos, e até as cartas.

Apurados os factos, traçada uma grelha rigorosa e fiel, é possível aplicar depois a plausibilidade, mantendo sempre o meu pacto antigo com os meus leitores, o de os informar no *Dramatis Personae*, sobre a história dos personagens e onde começa a ficção. E é todo este conjunto que forma este livro, e que está aqui sujeito ao vosso veredito.

Mas se há muitas dúvidas, eu pelo menos tenho uma certeza fundamental: a essência humana mantém-se a mesma. Os nossos antepassados, seja de há vinte séculos, de há dez, cinco ou tão próximos como os nossos avós e bisavós, tal como nós, amaram, odiaram, sofreram, sentiram ciúmes, inveja e raiva, foram levados pela ambição e pelo desejo de poder, sofreram desilusões, golpes do destino, confrontaram-se com a morte daqueles que lhe eram mais próximos, sentiram saudades, e – por vezes – desejaram vingança. Desde o princípio dos tempos, desde Caim e Abel, cujo drama vemos repetir-se de novo na história de Inês de Castro. Isto não significa, obviamente, que manifestassem as suas emoções e sentimentos da mesma maneira, porque eram modulados pela cultura em que estavam inseridos, pelos conhecimentos que tinham, pelas suas crenças e convicções. Mas Inês e Pedro sentiram como nós. E, nesse sentido, não passou tempo nenhum desde que nos deixaram.

Ficam aqui um conjunto de questões que pretendem apenas servir como ponto de partida para que cada um faça deste livro uma história que vos pertence.

Oxford, 5 de Novembro de 2021

Boas leituras!
Isabel Stilwell

Perguntas de aquecimento

- Onde leu este livro? No banho de imersão (o meu sítio favorito), deitado no sofá, num banco de jardim, numa cadeira de uma biblioteca...
- Leu-o depressa ou devagar? Quando gosta de um livro, está ávido por chegar ao fim ou quer que dure, para não acabar?
- Ajudou-a o facto de eu ter usado os nomes castelhanos e os portugueses, para ajudar a distinguir quem é quem?
- As árvores genealógicas – foram úteis? Sentiu a falta de um mapa?
- E o *Dramatis Personae* – lê-o antes ou depois? Consulta-o enquanto lê?

A personagem

- Era esta a Inês de Castro que conhecia? Em que é que a imagem desta Inês é diferente da que tinha?
- Adotei a tese dos historiadores mais atuais de que Inês de Castro não chegou a Portugal na comitiva de D. Constança, como se tem escrito ao longo dos séculos. De facto, Diogo Lopes Pacheco indica que Inês de Castro «andava» na casa de D. Beatriz, e sabemos também que os Castro e os Albuquerque eram inimigos viscerais de D. Juan Manuel, pai de Constança Manuel - seria muito improvável que o senhor de Vilhena aceitasse incluir a filha do inimigo na comitiva da própria filha. Terá entrado depois do casamento como dama de Constança. A mim fez-me diferença deixar de a ver como alguém que trai uma amiga. A si faz-lhe diferença?
- Qual diria que era a melhor qualidade de Inês? Qual o seu pior defeito?
- Que sentimentos lhe suscita Aldonça, mãe de Inês? Não sabemos porque entregou Inês - não era invulgar que os filhos fossem entregues a outras famílias para criar, mas o testemunho de Diogo Lopes Pacheco refere-nos que Inês tratava Teresa Sanches por «mãe». A verdade é que não encontramos qualquer outra referência à sua presença na vida da filha (o que não quer dizer que não tenha acontecido), mas sabemos, no entanto, que lhe sobreviveu. A forma como respondi a todas estas dúvidas é obviamente ficção, mas como sentiu esta mulher? Esta mãe?
- Teresa Sanches vive o conflito entre mãe biológica e mãe afetiva. Sabemos que é prima direita do pai de Inês de Castro, prima direita da rainha D. Beatriz (descendentes do rei Sancho de Castela, D. Beatriz pela linha legítima, Pedro de Castro e Teresa Sanches pela ilegítima). Sabemos que fundou o Mosteiro de Vila do Conde, e o sonho que sonhou em simultâneo com o marido faz parte do documento da fundação, subscrito por ambos, sabemos também que é mãe de João Afonso, um homem poderoso, galvanizador de massas, que consegue que os seus homens levem o seu atáúde aos ombros para os campos de batalha. Sabemos que foi uma mulher que lutou para reaver os seus bens. Parece-lhe que a personagem ficou bem conseguida? O que é que mais gostou nela?

- A opinião que tinha de D. Pedro é muito diferente daquela com que ficou depois de ler este livro. Em que é que este Pedro é diferente do Pedro que conhecia?
- Estudei muito o que o conhecimento atual nos permite conhecer sobre o que vai na cabeça de uma criança que sofre de gaguez, que é particularmente sujeita a medos e ansiedades - parece-lhe que essa faceta de D. Pedro resulta de forma genuína?
- Conhecia a «biografia» de S. Bartolomeu? Falo repetidamente do episódio retratado numa das edículas do túmulo do rei em que o diabo troca Bartolomeu pelo seu filho... criança que vai ser educada pelos pais como se fosse deles, até que o seu verdadeiro filho - um jovem bom - se apresenta em casa dos pais e desfaz o logro. Para mim está aqui o «segredo» da personalidade de D. Pedro: inseguro, dividido, com o seu lado melhor (capaz de amar Inês e de mandar fazer aqueles túmulos) em constante conflito com o seu lado pior (cobarde, impulsivo, capaz de uma vingança cruel). O que pensa disto?
- A relação de D. Pedro com o pai, o rei Afonso IV, é transversal ao romance. Que D. Pedro tinha medo do pai é um facto histórico, comprovado até por referência do tio, D. Pedro, conde de Barcelos, e por testemunhos da época. O que sentiu perante essa relação? Acha que este tipo de conflitos/relações entre pais e filhos são intemporais?
- Desde o momento em que o rei D. Pedro I, já após a morte de Inês e de ambos os pais, confessa que casou com Inês e que ela era sua mulher legítima, as opiniões dividem-se entre os que acreditam e não acreditam que o casamento aconteceu de facto. Uns dizem – mesmo ao tempo – que pretendia apenas legitimar os seus filhos Castro, outros dizem que o facto de não se lembrar das datas, nem do ano, reforça a probabilidade de ser verdade (se fosse tudo inventado, então também inventava uma data, em conluio com as suas únicas duas testemunhas, afirmam). O que lhe parece?
- Gostou de Leonor de Guzmán? Até que ponto acha que o «exemplo» de uma barregã que na prática é rainha de Castela, terá influenciado Inês de Castro? O que sente em relação a estas famílias que faziam das filhas/sobrinhas amantes de homens poderosos, para depois através delas obterem favores/ lugares, etc. para todos? Olhando para a realidade à nossa volta será que mudou assim tanto?
- Temos muita informação sobre Maria de Padilha, a amante/mulher de D. Pedro I de Castela que, tal como Inês de Castro, foi criada na corte dos Albuquerque, e colocada no caminho do rei para que a própria mãe e o seu «primeiro-ministro», João Afonso, mantivessem a sua influência sobre o jovem. Também eles vão dizer que casaram em segredo – mas é um casamento posterior ao possível casamento de Inês e Pedro. O que sentiu com as histórias paralelas de dois Pedros. Qual dos Pedros prefere?

- Sabia que é a filha de Pedro de Castela e de Maria de Padilha, Constanza, que irá casar com John of Gaunt, pai de Filipa de Lencastre? Veja no *Dramatis* para enquadrar. O que sente quando aparece uma nova peça do «*puzzle da História*», que encaixa em histórias que já conhece?
- Uma última pergunta: o que sentiu em relação a Zulema – imaginada a partir de Zulema de Maiorca, a extraordinária astrónoma/astróloga de Palma de Maiorca que, ainda hoje, figura entre os grandes astrónomos medievais, sobretudo por ser mulher. O meu objetivo era conseguir através dela fazer chegar ao leitor o conhecimento «científico» árabe, que ia sempre um passo à frente do cristão, nomeadamente no conhecimento sobre o terrível mal da peste negra que engoliu o mundo. Gostou dela?